

# HUSSERL E A FENOMENOLOGIA NOS ESTUDOS (AUTO)BIOGRÁFICOS DE SARTRE

■ FÁBIO PINTO

 <https://orcid.org/0000-0002-9480-4493>

Universidade Federal de Pelotas

■ LARA FUCK

 <https://orcid.org/0000-0002-1268-7781>

Universidade Federal de Santa Catarina

■ ANA CLÁUDIA WENDT SANTOS

 <https://orcid.org/0000-0001-9637-8101>

Universidade Federal de Santa Catarina

## RESUMO

Neste artigo, analisamos a apropriação que Sartre faz da fenomenologia de Husserl em seus primeiros estudos. Isso que lhe permite chegar à sua tese principal, que articula sua obra de ponta a ponta: “a transcendência do Ego”. Essa teoria do Ego assume como pressuposto a “intencionalidade da consciência”, noção desenvolvida por Edmund Husserl (1859-1938) inspirado em seu mestre Franz Brentano (1838-1917). Sartre constata, após revisar Husserl, que este acabou por esquecer a realidade exterior ao tudo colocar entre parênteses quando de suas reduções fenomenológicas, restando a constatação apodítica ou verdade autoevidente, isenta de dúvidas, a exemplo de Descartes. Esses pressupostos filosóficos permitem a Sartre erigir uma ontologia combativa aos subjetivismos ou objetivismos, idealismos ou realismos de sua época, sem diluir a objetividade na subjetividade ou a subjetividade na objetividade. Além disso, estabelece a sua base epistemológica para a antropologia e a psicologia, como também para pesquisa (auto)biográfica dedicada aos estudos sócio-históricos.

**Palavras-chave:** Fenomenologia. Edmund Husserl. Jean-Paul Sartre. Personalidade. Pesquisa (auto)biográfica.

## ABSTRACT

### HUSSERL AND PHENOMENOLOGY IN SARTRE'S (AUTO) BIOGRAPHICS STUDIES

In this article we analyze Sartre's appropriation of Husserl's phenomenology in his first studies. This allows him to arrive at his main thesis, which articulates his work from end to end: “the transcendence of the

Ego”. This theory of the Ego assumes the “intentionality of consciousness”, a notion developed by Edmund Husserl (1859-1938) inspired by his master Franz Brentano (1838-1917). Sartre observed, after reviewing Husserl, that he forgot the external reality by putting everything in parentheses during his phenomenological reductions, leaving the apodictic statement or self-evident truth, free of doubts, like Descartes. These philosophical assumptions allow Sartre to build an ontology that combats the subjectivisms or objectivisms, idealisms or realisms of his time, without diluting objectivity in subjectivity or subjectivity in objectivity. Furthermore, it establishes the condition of epistemological possibility for anthropology and psychology, as well as for (auto)biographical research dedicated to socio-historical studies.

**Keywords:** Phenomenology. Edmund Husserl. Jean-Paul Sartre. Personality. (auto)biographical research.

## RESUMEN **HUSSERL Y LA FENOMENOLOGÍA EN LOS ESTUDIOS (AUTO)BIOGRÁFICOS DE SARTRE**

En este artículo analizamos la apropiación que Sartre hace de la fenomenología de Husserl en sus primeros estudios. Esto le permite llegar a la tesis principal, que articula su obra punta a punta: “la trascendencia del Ego”. Esta teoría del Ego asume la “intencionalidad de la conciencia”, noción desarrollada por Edmund Husserl (1859-1938) inspirado por su maestro Franz Brentano (1838-1917). Sartre señala, tras revisar a Husserl, que acabó olvidándose de la realidad exterior poniendo todo entre paréntesis durante sus reducciones fenomenológicas, dejando libre de dudas el enunciado apodíctico o verdad autoevidente, como Descartes. Estos presupuestos filosóficos permiten a Sartre erigir una ontología que combate los subjetivismos o objetivismos, idealismos o realismos de su época, sin diluir la objetividad en la subjetividad ni la subjetividad en la objetividad o viceversa. Además, establece su base epistemológica para la antropología y la psicología, así como para la investigación (auto)biográfica dedicada a los estudios sociohistóricos.

**Palabras clave:** Fenomenología. Edmund Husserl. Jean-Paul Sartre. Personalidad. Investigación (auto)biográfica.

## 1 Introdução

Neste artigo, apresentamos alguns aspectos da obra de Edmund Husserl (1859-1938) e sua apropriação no contexto francês, que permitiram a Sartre realizar um encontro crítico com a sua fenomenologia em seus primeiros estudos filosóficos, isso que lhe permite chegar à sua tese principal, que articula sua obra de ponta a ponta: “a transcendência do Ego”. Essa teoria do sujeito e da personalidade constitui o adensamento teórico de sua obra (auto)biográfica.

A teoria do Ego sartriana assume como pressuposto a “intencionalidade da consciência”, noção desenvolvida por Husserl<sup>1</sup> inspirado em seu mestre Franz Brentano (1838-1917)<sup>2</sup>. Sartre se apropria dos pressupostos husserlianos na tentativa de erigir uma ontologia combativa aos subjetivismos ou objetivismos, idealismos ou realismos de sua época, estes que segundo ele diluíam a objetividade na subjetividade ou a subjetividade na objetividade.

Nesse contexto, ganha destaque o artigo “Uma ideia fundamental da fenomenologia de Husserl: a intencionalidade”<sup>3</sup>, produzido na mesma época em que escreve seus primeiros ensaios filosóficos, com destaque para *La transcendence de L'Ego*<sup>4</sup>, onde menciona *Les*

*Meditations Cartésiennes* entre outras obras. Na revisão da obra de Husserl, Sartre assume a tarefa da filosofia de “ir às coisas mesmas” e assim produzir uma “ciência rigorosa” e constata que este acabou por esquecer a realidade exterior ao tudo colocar entre parênteses quando de suas reduções fenomenológicas, restando a constatação apodítica ou verdade autoevidente, isenta de dúvidas, a exemplo de Descartes. Contudo, vai valorizar o esforço husserliano de descrição do Eu empírico, resultado da relação consciência intencional com o mundo (em-si), ser que é pleno de positividade que não possui um ser por de trás de sua aparição. O princípio da intencionalidade é para Beauvoir (1984) o elemento primordial que permite a Sartre afirmar simultaneamente a soberania da consciência e a presença do mundo, sendo a consciência definida como totalidade sintética e absoluta. Assim, o ser do existente é exatamente o que o existente aparenta. Essa é a noção de fenômeno, um ser que é “indicativo de si mesmo”, que nada oculta e que pode ser conhecido verificando a série de suas aparições, que vai servir de ponto de partida para sua apropriação da consciência como intencionalidade. Isso que permite ao cientista, segundo Sartre, descrever os fenômenos tal qual aparecem ou “ir às coisas mesmas”. Sartre vai demarcar a ontologia como pressuposto da epistemologia, indo de encontro ao que o pensamento moderno e contemporâneo costumava propor. As bases ontológicas para a ciência e a produção do conhecimento científico nas ciências humanas e sociais acompanham o “corte epistemológico” que fora proposto por seu mestre Gaston Bachelard (1884-1962).

1 O matemático e filósofo alemão Edmund Husserl é considerado o fundador da fenomenologia, um método de investigação filosófica que considera a complexidade da estrutura intencional da consciência na sua relação com o Ser (as coisas) e se dedica a estudar os fenômenos ou atos da consciência. Deixou um legado acadêmico de 40 mil páginas taquigrafadas, entre outros, que estiveram ameaçadas de destruição, salvas do regime nazista, pois escondidas na Bélgica. Esse mesmo regime que no final da vida, em 1933, retira-lhe a situação acadêmica e privilégios.

2 Cabe ao austríaco Franz Brentano, mestre de Husserl, a sua inspiração no caminho da objetividade para transformar a filosofia numa “Ciência de rigor”. O conceito de intencionalidade já estava presente em seu mestre: “principal característica da consciência é, sempre, ser intencional [...] Consciência será sempre a consciência de alguma coisa” (Fragata, 1959).

3 Publicado por Sartre em *La Nouvelle Revue française*, nº 304, janeiro de 1939, p. 129-131, retomado em *Situações I*, em 1947.

4 Este texto foi publicado em 1936, nas *Recherches phi-*

*losophiques* (nº 6, p. 85-123), revista dirigida na época por Alexandre Koyré, mas não teve grande aceitação na época. É depois, ao ser reeditado em 1965, pela filha adotiva de Simone, Sylvie Le Bon de Beauvoir, que ganha maior visibilidade. O texto é tido como a primeira obra verdadeiramente filosófica publicada por Sartre.

## 2 Fenomenologia: aspectos da obra de Husserl em seu movimento de retorno ao idealismo

Husserl foi buscar os seus fundamentos e acabou por deparar-se com a “lógica” e a “psicologia”, entrando, em consequência disso, no estudo da “filosofia”. Ao encontrá-la em “litígio”, carente de consistência científica, dedica-se a buscar uma “fundamentação”<sup>5</sup> e a restaurar a “perda da fé no valor da razão” (Fragata, 1959, p. 19-24). O positivismo e o psicologismo eram correntes dominantes em sua época. A psicologia estava em pleno desenvolvimento, especialmente a experimental, despertando a sua atenção. Husserl esperava encontrar na psicologia a “clarificação” da “lógica” e constatou que ela explicava com eficiência as “conexões psicológicas dos pensamentos”, mas não explicava a “unidade lógica do conteúdo do pensamento”. Ou seja, para ele, as “leis psicológicas” regulam o processo cognitivo, mas não atuam conforme as “leis da lógica”, são procedimentos diferentes e, portanto, o psicologismo fracassa.

[...] a função da análise psicológica pareceu-me fecunda, escreve Husserl, quando se tratava da origem das representações matemáticas ou da formação dos métodos práticos, que de fato está psicologicamente determinado. Mas quando se passava das conexões psicológicas do pensamento para a unidade lógica do conteúdo de pensamento (da unidade da teoria) já não se manifestava nenhuma clareza, nem verdadeira continuidade (Husserl *apud* Fragata, 1959, p. 34).

Ao separar o processo psicológico do lógico, acaba por inaugurar a “doutrina das verdades

5 Em René Descartes (1596-1650), Husserl encontra a inspiração para sua doutrina, mas por objetivar uma radicalização do cartesianismo acaba por rejeitá-lo, sem deixar de repetir alguns dos seus equívocos, como o de começar seu caminho de construção de uma filosofia científica estabelecendo-lhe primeiro seus “fundamentos”.

em si”, de caráter absoluto, que não depende da existência de qualquer constituição psicológica da consciência. A explicação de como se chegar ao conhecimento exigiria o esclarecimento não apenas do processo cognoscitivo ou psicológico, mas de toda estrutura que possibilitaria esse processo, que seria a lógica. As verdades produzidas pela “mente” humana seriam “verdades em si, verdades anteriores, a-temporais”. “A verdade possui um caráter absoluto, válido em si mesmo prescindindo da existência de qualquer constituição psicológica da consciência [...]” (Husserl *apud* Fragata, 1959, p. 37). Para Husserl, a psicologia era considerada a “ciência dos fatos” e verdades que fossem oriundas dos fatos não poderiam ter um caráter absoluto, sendo, portanto, verdades “inconsistentes” e “prováveis”. Assim, ele abandona a psicologia e dedica-se ao estudo da lógica. As “leis lógicas puras”, ao contrário das “empíricas” (como as psicológicas), seriam “válidas *a priori*”, obtendo sua fundamentação através de “evidências apodíticas”.

### 2.1 A fenomenologia husserliana: os fundamentos com e para além de Descartes

Partindo de pressupostos cartesianos, ou seja, do racionalismo já ultrapassado em sua época, Husserl pretende estabelecer seus “fundamentos” e chegar à “verdade absoluta”. Para ele, o momento da ciência rigorosa vem a ser a “lógica formal ou transcendental”, que é o “auto expor-se da razão” para ela mesma, ou seja, a razão conhecendo-se a si própria através de uma reflexão radical (Fragata, 1959, p. 24). A “unidade científica” só seria realizada a partir de uma “conexão teórico-sistemática” a ser realizada pela lógica. É a “lógica pura ou transcendental”, em detrimento da lógica formal, que será a “ciência das ciências” ou a “teoria das teorias possíveis”, em outras pala-

bras, uma filosofia capaz de discernir os fundamentos, as teorias e as ciências válidas e não válidas. Husserl delega à filosofia um objetivo moral, o mesmo perseguido por Descartes.

A “lógica pura” ou “clarificação reflexa” possui, em Husserl, três características, que são: o seu “caráter *a priori*”; a “ausência de pressupostos”; e a “evidência apodítica”. Como “caráter *a priori*”, entende que, para a fundamentação da lógica e/ou da filosofia ser efetivamente radical, ela deve prescindir dos fatos empíricos, compondo-se apenas de verdades absolutas e metaempíricas. Com isso, toma como ponto de partida as “idealidades” meramente inteligíveis e de “significações puras”, em que “a ciência *a priori* é a ciência primordial ao qual deve recorrer a ciência dos fatos para poder ser última e primordialmente fundamentada” (Fragata, 1959, p. 46-47). Por “ausência de pressupostos”, entende que a filosofia deve prescindir de qualquer convicção, de qualquer conhecimento anterior e que “temos que começar primeiramente por eliminar todas as convicções até agora admitidas e, portanto, todas as nossas ciências”. Ele enfatiza que a “verdade” terá que vir das “coisas”. Mas veremos, no entanto, que essas “coisas” não provêm da realidade ou do mundo concreto, como algo “exterior à consciência”. Essas “coisas”, em Husserl, são as “essências” ou “ideias” e estão dentro da “mente” (Fragata, 1959, p. 50). Como “evidência apodítica”, Husserl propõe uma síntese das duas características anteriores, sendo definida como um estado de “ausência absoluta de dúvidas”, fundamental para que as “coisas” ou “essências” apareçam para a consciência. Assim, “a fundamentação da Filosofia consistirá precisamente na busca de uma atitude em que a realidade transpareça com esta evidência” (Fragata, 1959, p. 52). Husserl conclui que:

[...] uma evidência apodítica tem o caráter peculiar de não ser apenas a certeza duma evi-

dência das coisas ou do estado das coisas, mas de se revelar também por meio de uma reflexão crítica, como inteiramente incompatível com a não-existência dessas mesmas coisas (Fragata, 1959, p. 69-70).

Essa “reflexão crítica” se expressa pela “autoevidência apodítica”, pela “clarificação reflexa”, pelo “autoexpor-se da razão” ou ainda, como uma “verdade absoluta”. Ao buscar uma “fundamentação” para filosofia, que se expressa pelo “auto expor-se da razão” como pré-condição para a revelação da “verdade absoluta” por meio da “evidência apodítica”, que Husserl vai elaborar seu “método fenomenológico”, com o objetivo de fundamentar a filosofia e, em consequência, todas as ciências (Fragata, 1959).

## 2.2 O método fenomenológico husserliano: das reduções à intersubjetividade

O método de Husserl se caracteriza pelas reduções, ou seja, ao constatar que cada ser humano possui uma visão de mundo, marcada por condicionamentos e pré-conceitos históricos, sociais, culturais, psicológicos etc., se propôs a livrar-se de todos esses pré-conceitos até chegar a uma “ausência de pré-conceitos”, que estariam como que encobertos pela cultura. Ao colocar entre parênteses tudo “aquilo de que se tem consciência”, ou mesmo, as coisas, os objetos transcendentais, o mundo, Husserl esbarra na sua própria noção da “intencionalidade da consciência”. Ou seja, quando algo estiver diante de mim, esta “intenção”, que antes estava como que “vazia”, ficará preenchida pela sua presença, transformando-se numa “intenção intuitiva”. A consciência “de” algo no mundo é pura intencionalidade, implica uma relação, intencional, com um objeto. Em Husserl, essa intencionalidade vai ser representada por um significado pelo qual ela se dirige

a um objeto. Portanto, a “consciência de”, em Husserl, seria de alguma “coisa-transcendental”, e não “transcendente”, pois a realidade ou as coisas transcendentais perderam sua importância diante daquilo que nos faz chegar até a essas coisas, que é a “intencionalidade” (Fragata, 1959, p. 130). A intencionalidade, ao ser colocada por um “Eu transcendental” na sua relação com o mundo, marca seu retorno ao idealismo (Fragata, 1959, p. 86-87).

Surge em Husserl a noção de perspectiva, que considera que as coisas só podem ser alcançadas em um de seus perfis, pois a visão humana é limitada, ela está sempre restrita a um “ponto de vista”. Para o autor, jamais chegaremos a um conhecimento pleno do objeto através do mundo sensível, pois nunca alcançaremos a totalidade do objeto. As três reduções propostas pelo autor – fenomenológica, eidética e transcendental – caracterizam esse modelo metodológico que pretende “ir às coisas mesmas”, mas que acaba por diluí-las num Eu transcendental.

A primeira redução, a “Redução fenomenológica”, trata de descrever o objeto tal como ele aparece para qualquer um, o que ele mesmo admite que é um “ideal”. As coisas “transcendentes” são deixadas fora da “mente”, restando apenas as “ideias iniciais” ou “fenômenos”, porém estas “ideias” ainda possuem muitas características dos objetos mundanos. [...] Para isso, ele não parte da dúvida cartesiana, que nada nega e nada afirma. Simplesmente, fará a descrição da consciência, dividindo-a esquematicamente em: *epoché*, neutralização e redução. A *epoché*, definida como “suspensão do juízo”, caracteriza-se por colocar entre parênteses o valor do que se afirma, dando-se apenas como objeto para a consciência. Isso confirma que a “existência ou não das coisas” pouco importa, mas sim o “sentido das coisas na existência”. As coisas são reduzidas à consciência. Tudo que é informado pelos sentidos é

mudado pela experiência da consciência (Fragata, 1959, p. 82).

Husserl se propôs a estudar nossas vivências ou como o mundo se realiza para cada um a partir da suspensão das atitudes, crenças, teorias e do conhecimento das coisas do mundo exterior e do foco na experiência vivida, na relação entre dois polos: *Noésis* como ato de perceber, e *Noema* como objeto da percepção. “São dois momentos de uma mesma estrutura intencional”, dialeticamente articulados (Fragata, 1959, p. 134). Por *Noema*, temos a coisa, ou aquilo que importa para se chegar ao conhecimento do mundo na forma como se realiza. O *Noema* não pertence à consciência, ele é o “sentido da coisa para a consciência”, a “moral”, não sendo nem a coisa do mundo, objetos transcendentais, nem a consciência. Mas o mundo, ou algo do mundo, para a consciência. O *Noema* brota do “Eu puro”, porém é outra coisa que o “Eu puro”. Por *Noese*, temos o polo sujeito, o resultado da relação do “Eu puro” com o *Noema*, através da “intencionalidade” (Fragata, 1959, p. 136-145).

A segunda redução, denominada de “Redução eidética” (ideia), efetiva-se através de uma “análise intencional estática”, que é justamente “reduzir” as “ideias iniciais” à “essência pura”, um processo de “depuração do fenômeno”. Tudo o que ele ainda possa ter de singular, de mundano, vai ser eliminado, deixando-lhe apenas a “essência”, que é aquilo que tem de “universal” nesse fenômeno. Ou seja, reconhecido o objeto pela “redução fenomenológica”, temos a “redução eidética” como análise do *Noema* para encontrar sua essência. Busca-se dessa maneira a claridade apodítica, a certeza e a transparência (Fragata, 1959, p. 94).

A terceira redução, a “transcendental”, permitir-nos-ia chegar à essência do segundo ato da consciência. A “redução transcendental” é feita através de uma “análise intencional genética” para se chegar aos “elementos ou coisas

transcendentais”, que são aqueles que transcendem a todos os atos concretos, empíricos, mas que estão presentes em todos eles. Essa redução foi necessária, porque Husserl acreditava que as essências ainda possuíam resquícios dos objetos mundanos. Pouco elaborada, inacabada, faz menção à “consciência ou Eu puro”, geradora de todo significado. O mundo se reduziria ao conjunto dos significados colocados por essa consciência. Na fenomenologia husserliana, toda a constituição de um “objeto de consciência” implica o “sujeito”. Este não seria ativo e reflexivo como o Eu empírico, mas anônimo, um Eu puro, que não pode ser Fábio ou qualquer outra pessoa, pois não pode ser nomeado, é simplesmente um “sujeito”. O Eu puro e o Eu empírico não são duas entidades diferentes em Husserl, dois sujeitos distintos, mas sim o mesmo sujeito em atitudes diferentes: uma “ingênua” e outra “fenomenológica”. Aquele que vive é o “Eu empírico” e aquele que olha é o “Eu puro”, algo semelhante ao “Ego” e o “Antiego”. É como se desdobrássemos o ser humano naquele que vive e naquele que é o espectador de nossas vidas.

O “Eu empírico” é interessado no mundo e ligado às coisas transcendentais. Ele vai ser, em última instância, o modo do Eu puro relacionar-se com as coisas. Para um “Eu empírico”, alcançar o “Eu puro” é preciso que adote a “atitude adequada”, que é a “atitude reflexiva” ou “fenomenológica”. O “Eu puro” olha “lá de traz” com um olhar impessoal, desinteressado. Ele não pode ser estudado nem conhecido, é a “última consciência” e não pode desdobrar-se novamente, porém, ele é “autorreflexivo”, só ele pode pensar-se a si mesmo. Pode-se dizer que é uma “consciência neutra”, que “não exerce nenhum ato”, é completamente imparcial, um puro visar. Assim, o “Eu puro” não tem compromisso ontológico nenhum, é um “Ser para a morte”, para a contemplação, não para a ação. O “Eu puro” é atemporal, não nasce

nem morre e mantém-se sempre o mesmo, ele é anterior às vivências e não é atingido pelas mudanças do mundo transcendente. É do “Eu puro” que brota o “sentido original das coisas” (Fragata, 1959, p. 113).

Por fim, Husserl vai definir o “Eu puro” como um “Eu concreto”, pois é simultaneamente “consciência do objeto” e “consciência de si mesmo”, uma espécie de *mônada* como em Gottfried Leibniz (1646-1716). O conceito de “comunidade de mônadas” ou “unidade intersubjetiva”, se preferir, “a comunhão das almas” é expressão do solipsismo, em que eu existo “para mim” assim como o outro existe “para si”. Nessa “comunidade”, a verdade, a coerência e a “unidade” das coisas estariam garantidas pela “intersubjetividade”, base para sua “Filosofia rigorosamente científica”, que afinal nunca se constituiu como ciência, mas que se irradiou para as ciências humanas estabelecendo-se como um novo cientificismo (Fragata, 1959, p. 180). Husserl, em *Méditations cartésiennes*, admite que seu intento de uma filosofia como ciência rigorosa havia ficado pelo caminho: “Agora, que cheguei ao fim e tudo se acabou, exclamava na última doença, vejo que preciso de começar tudo de novo” (Husserl *apud* Fragata, 1959, p. 16).

### 3 A apropriação de Husserl pela filosofia francesa e por Jean-Paul Sartre

Além de Sartre, três autores ganham destaque como responsáveis pela introdução de Husserl na França, são eles Koyré<sup>6</sup>, Levinas e Brunschvicg, todos com apropriações distintas das de Sartre. Brunschvicg, por exemplo, precedeu

6 Alexandre Koyré (1892-1964), filósofo francês de origem russa, foi quem mediou, em junho de 1928, o contato entre Husserl e Henri Lichtenberger do Institut d'Études germaniques e da Société Française de Philosophie, que convidara Husserl para apresentar sua filosofia na Sorbonne, em evento que contou com o próprio Koyré na organização.

as famosas conferências dadas por Husserl na França, ao explicar Husserl e a fenomenologia em prefácio do livro de Georges Gurvitch, intitulado *As tendências da filosofia alemã contemporânea*. No entanto, é conhecida a entrada da fenomenologia e do próprio Husserl na França pelas duas palestras realizadas por ele em Paris, em fevereiro de 1929. Husserl pronuncia suas conferências no Anfiteatro Descartes e acompanha a defesa da tese de Koyré, sobre Jacob Boehme. Koyré foi quem revisou o texto da conferência antes de ser apresentado. Salomon afirma que “Husserl, em mais de uma ocasião, afirmou que Koyré era o seu ‘verdadeiro tradutor’” (2010, p. 196). Tais textos apresentados são publicados em 1931 na França sob o título *Méditations cartésiennes*. A tradução alemã é publicada posteriormente, em 1950, o que demonstra a exclusividade da qual o público francês se valeu no acesso a esse livro.

A introdução e desenvolvimento da obra de Husserl na França se deram, também, por Emmanuel Levinas (1906-1995), na obra intitulada *Teoria da intuição na fenomenologia de Husserl*, publicada em 1930<sup>7</sup>. Segundo Worms (2009), Levinas apresenta a ideia de uma fenomenologia que busca descrever o movimento da consciência para o objeto, sem a qual não há objeto, como também do “existente” no mundo. Distingue, dessa maneira, a intuição de Husserl, fundada sobre a “intencionalidade”, daquela de Bergson fundada sobre a introspecção. Sobre a existência, inspirado em Heidegger, procura abordar experiências concretas, em busca de atingir as modalidades mais profundas do Ser.

Mais tarde, Michel Foucault ao comentar a influência da fenomenologia na França, veio trazer esclarecimentos sobre as *Méditations cartésiennes*, numa introdução redigida em

1978 para a tradução inglesa da obra *O normal e o patológico*, de George Canguilhem<sup>8</sup>. Foucault, ao analisar os primeiros anos após o final da grande guerra, quando se debatem marxistas e não marxistas, freudianos e não freudianos, especialistas e filósofos, acadêmicos e não acadêmicos, teóricos e políticos, admite uma outra linha de divisão que atravessa todas essas oposições: “a que separa a filosofia da experiência, do sentido, e do sujeito e a filosofia do conhecimento, da racionalidade e do conceito”. Para Foucault, a fenomenologia adentrou a França e tornou-se conhecida a partir dos anos 1930 por mediação de Sartre e Merleau-Ponty de um lado e do outro Cavailès, Bachelard e Canguilhem. O texto *Méditations cartésiennes* (1929), segundo Foucault, foi discutido por Sartre na obra *Transcendence de L'Ego* (1935), já os fundamentos do pensamento husserliano, formalismo e intuicionismo da teoria da ciência, foram apresentados por Cavailès em suas teses sobre o método axiomático e a formação da teoria dos conjuntos (1938).

A fenomenologia não era novidade para Sartre, tanto por sua leitura de Politzer quanto pela tradução para o francês que ele conduziu, em 1929, da obra *Psicopatologia geral* (1913), de Karl Jaspers (1883-1969)<sup>9</sup>. Os estudos realizados por Sartre em Berlim (1933-34) não escaparam a influência crítica de Politzer e de Jaspers na leitura de Husserl. Ainda que entre as fenomenologias de Husserl e Jaspers houvesse mais diferenças que proximidades, o segundo chegou a admitir certa filiação teórica ao pri-

8 Trata-se do livro de Georges Canguilhem, *On the normal and the pathological*, traduzido por Carolyn R. Fawcett, pela Reidel Publishing Company, em 1978.

9 Karl Jaspers (1883-1969) foi um filósofo e psiquiatra alemão que desenvolveu uma filosofia existencial em *Psicopatologia*, existência vinculada à história e à ideia de situação. Para ele, existir é um transcender na liberdade. Estudou a relação entre existência e razão, buscando no conceito de verdade um ambiente que envolve o conhecimento. Destacou a importância da investigação fenomenológica da experiência subjetiva do paciente.

7 Foi por meio dessa obra que Sartre tomou conhecimento da fenomenologia de Husserl.



meiro, acompanhado posteriormente por Sartre em seus primeiros textos.

Foi exatamente a esta desejável cientificidade para a psicologia e psicopatologia que Jaspers pensava que Husserl abrisse as portas com suas 'Investigações lógicas'. A despeito de posteriormente ter rejeitado as ideias contidas em '*Philosophy as Rigorous Science*' – obra seguinte de Husserl, mais unanimemente entendida como uma proposta de abordagem eidética da consciência, mas não empírica, e considerada por Jaspers como uma traição de Husserl a sua atitude científica inicial – Jaspers persistiu reconhecendo a influência deste 'primeiro Husserl' e sua suposta psicologia descritiva, sobre toda sua própria fenomenologia (Rodrigues, 2005, p. 764).

### 3.1 As primeiras aproximações de Sartre a Husserl

No artigo "Une idée fondamentale de la phénoménologie de husserl: l'intentionnalité", Sartre tece suas críticas à filosofia tradicional e denominada por ele de "filosofia alimentar", dominante em sua época, ao mesmo tempo que apresenta as contribuições da filosofia de Husserl ao pensamento francês, esclarecendo que as teorias da presença formal ou material – o "espírito-aranha" das concepções associacionistas – do Ego ou de qualquer instância *a priori* no campo psíquico, perderiam suas forças ante a noção de "intencionalidade" (Conat; Ribalka, 1970, p. 71). O texto foi escrito em Berlim durante a estadia de Sartre no Instituto Francês (1933-34), no momento em que ele descobria com entusiasmo a fenomenologia de Husserl e Heidegger (1889-1976)<sup>10</sup>. Esse arti-

10 Martin Heidegger foi orientado por Edmund Husserl e, posteriormente, seu colega na Universidade de Freiburg. Como ascensão do partido nazista, foi alçado ao posto de reitor ao mesmo tempo em que se filia ao partido, e que seu colega e orientador Husserl tem suas atividades acadêmicas e o direito de se manifestar publicamente suspensos. Sua colaboração com o regime nazista é bastante criticada, o que coloca sua obra filosófica também em litígio. *Ser e tempo*, lançado em 1927, inspirou diferentes corren-

go é considerado um dos seus melhores e marca o início de uma expressão filosófica original, inspirado em Husserl e em sua tentativa de retorno ao concreto como superação do pensamento francês dos anos 1900 (Worms, 2009).

É nesse contexto que Sartre escreve seus primeiros ensaios filosóficos, com destaque para *La transcendence de L'Ego*, escrita em 1934 como resultados de seus estudos em Berlim<sup>11</sup>. Os livros "A imaginação" (1936), "Esboço de uma teoria das emoções" (dez, 1939), "O Imaginário: psicologia e fenomenologia da imaginação" (1940) seriam extratos de um grande tratado de psicologia, que ele pretendia escrever com o título de *La Psyché*, e que chegou a reunir aproximadamente 400 páginas redigidas, sem ser publicado em sua totalidade. Esse adensamento teórico foi decisivo no desenvolvimento da sua literatura bem como dos estudos biográficos.<sup>12</sup>

Sartre desenvolve desde a *Transcendência do Ego* (1936) sua concepção da consciência que se tornará decisiva para definir o conhecimento: a consciência pode certamente conhecer e se conhecer, mas ela é outra coisa que um conhecimento sobre si (O Ser e o Nada, p. 17) (Noudelmann et Philippe, 2004, p. 103/104)<sup>13</sup>.

tes do pensamento social contemporâneo, no qual desenvolve profunda reflexão sobre o que está escondido na experiência do cotidiano, ou sua noção de "estar-no-mundo".

11 Sartre realiza uma apropriação crítica da obra de Husserl, ao se dedicar ao estudo de "Investigações lógicas: investigações para a fenomenologia e teoria do sujeito" (1901), "Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo" (1905) e "Ideias para uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica" (1913). Sartre indica em "A imaginação" (1936), que esta última se constitui, para ele, na principal obra de Husserl e o grande acontecimento da filosofia antes da primeira grande guerra. As "Meditações Cartesianas", texto oriundo das conferências de 1929, e às quais Sartre não assistiu, também foram lidas por ele quando esteve em Berlim. No entanto, esse retorno de Husserl ao idealismo, Sartre irá refutar por inteiro.

12 O canteiro biográfico sartreano é extenso e conta com as biografias de Baudelaire (1947), Jean Genet (1952) e Gustave Flaubert (1971), entre outras.

13 "Sartre développe dès La Transcendance de l'Ego (1936) sa conception de la conscience qui deviendra décisive pour définir la connaissance: la conscience

A tese basilar da obra sartreana é constituída em seus primeiros ensaios filosóficos, tendo Husserl com uma das referências principais em sua tese sobre a transcendência do Ego, na qual demarca a diferença e a separação ontológica entre a consciência e a Personalidade ou, se preferirem, o Ego. Segundo Beauvoir (1984, p. 162), “[...] entre a consciência e o psíquico, ele estabeleceu uma distância que manteria sempre”, estabelecendo que a consciência “de”, “intencional”, “impessoal”, relação ao mundo, como condição de possibilidade para o surgimento do cogito. A tese torna-se possível a partir da crítica à “filosofia digestiva” ensinada nas principais universidades francesas, ou seja, aquelas filosofias impregnadas de idealismo ou realismo, descritas por Sartre como alimentar, pois segundo elas “conhecer é comer!”. Trata-se do “espírito-aranha”, que “[...] atraía as coisas para sua teia, cobria com uma baba branca e deglutia lentamente, reduzi-as a sua própria substância” (Sartre, 1939, p. 129). Nesse sentido, ele se dirigia aos principais autores da época, professores da École Normale Supérieure, onde o próprio Sartre realizava seus estudos: Henri Bergson (1859-1941)<sup>14</sup>, Léon Brunschvicg (1869-1944)<sup>15</sup>, André Lalande (1867-1964) e Émile Meyerson (1859-1933).

---

peut certes connaitre et se connaître, mais elle est autre chose qu'une connaissance retournée sur soi (EN 17)”. (Noudelmann et Philippe, 2004, p. 103-104).

14 Henri Bergson (1859-1941) foi um importante filósofo e diplomata francês, Nobel de literatura em 1929. Entre as obras mais importantes temos *Matière et memoire* (1896), *Evolução criadora* (1907). Busca edificar uma metafísica positiva, a filosofia como ciência da intuição, intuicionista. Buscou articular biologia, psicologia e sociologia numa crítica a coisificação e determinismo do homem, afirmando o princípio da liberdade como “intuição da duração”: tempo vivido. A consciência é uma duração interna. A intuição apreensão imediata da realidade por coincidência com objeto, sem análise ou tradução: uma *experiência metafísica*. Um dos primeiros a referenciar o *inconsciente*.

15 Léon Brunschvicg foi um professor e filósofo idealista francês. Um dos fundadores da *Revue de métaphysique et de morale*. Desde 1897, com Henri Bergson um dos principais filósofos da primeira metade do século XX. Seu idealismo e formalismo foi continuado por Althusser, Lévi-Strauss e Lacan.

Brunschvicg, por exemplo, “reduziu a filosofia de Descartes à sua dimensão matemática e epistêmica [...]” (SARTRE, 2005, p. 20). O seu racionalismo positivo ou neokantiano da Sorbonne<sup>16</sup> buscou “espiritualizar” o positivismo e revigorar a ciência através de algumas ideias de Kant. O psicologismo de Brunschvicg se expressa na redução do Ser ao que se predica dele: o que dizemos que ele é. A lógica, linguagem da ciência e da necessidade, se submeteria ao pensamento. Sartre encontra no princípio da “intencionalidade” a ferramenta adequada para anular o princípio da “representação”. Conforme Fujiwara (2014, p. 87), “a intencionalidade anula a questão da representação em nosso espírito, pois já estamos diante das coisas, a consciência e o mundo são dados de uma só vez”. Ou ainda, conforme Moutinho *apud* Fujiwara (2014, p. 87), “já não deverá haver mais representação como imagem ou signo da coisa espaço-temporal. A representação tal como o Eu, implica na ‘vida interior’ de que fala Brunschvicg e que Sartre sempre desejou expurgar do campo da imanência”.

Já Bérson expõe sua ideia de consciência enquanto “centro de indeterminação”, em que o exterior é que “conduz” a consciência. O embate entre esses dois autores define as duas linhas incompatíveis que seguem a filosofia “à francesa” do século XX: aquela do lado de Bergson, das filosofias “da consciência”, mas também da vida, da metafísica, e aquela do lado de Brunschvicg, “do conceito”, mas também da ciência, estudada de um duplo ponto de vista, epistemológico e histórico.

---

16 Era oriundo do neokantismo alemão, em reação permanente ao positivismo e ao idealismo pós-kantiano, com tendência a estudar as possibilidades do conhecimento científico como fundamento crítico de toda investigação filosófica. O neokantismo atingiu seu ápice, no início do século XX, com a escola de Marburg de Hermann Cohen, Paul Natorp e Ernst Cassirer. A escola exerceu sua influência na Europa até aproximadamente 1913, quando, no contraponto, surgem a fenomenologia, o neopositivismo e as chamadas “filosofias da vida”.

Sartre procurava uma alternativa a Bergson e a Brunschvicg, ou seja, entre a primazia do objeto e a primazia do sujeito; entre o positivismo, que figurava no procedimento do marxismo ortodoxo, e o subjetivismo do idealismo alemão; entre o rigor da ciência e o alcance que somente a literatura pode proporcionar, encontrava-se a filosofia da contingência esboçada por ele, mas que carecia de base teórica. Nesse contexto, um dos autores que influenciou Sartre foi Georges Politzer (1903-1942), com seu livro de linguagem panfletária e que mudou os rumos da filosofia de sua época: *La fin d'une parade philosophique: le bergsonisme* (1929). Marxismo e freudismo eram apresentados, assim, ao universo intelectual francês, contrapondo-se ao pensamento de Bergson. Mas o conceito de “inconsciente”, popularizado por Freud, foi desde o começo rechaçado por Sartre.

Juntamente com Sartre, Beauvoir e Nizan refutavam o freudismo. Em *Les chiens de garde* (1932), Paul Nizan (1905-1940) usa a mesma estratégia contra Brunschvicg.

Só tínhamos por assim dizer lido de Freud A interpretação dos sonhos e A psicopatologia da vida quotidiana. E aprendêramos a letra mais do que o espírito desses livros; eles nos haviam desagradado pelo seu simbolismo dogmático e pelo associacionismo de que estavam impregnados [...] O freudismo esmagava a liberdade [...] em um indivíduo lúcido, pensávamos, a liberdade triunfa dos traumatismos, dos complexos, das recordações, das influências (Beauvoir, 1984, p. 25).

Husserl e a fenomenologia surgem na França como as ferramentas que faltavam para combater o positivismo, o realismo e o neokantismo ou empiriocriticismo. Contra essa “filosofia digestiva”, Sartre, em 1939, mobiliza os estudos de Husserl, e faz a ressalva de que “não se deve dissolver as coisas na consciência”. Ao contrário disso, a coisa é vista “no próprio lugar onde está”, não entra na consciência, pois

possui natureza diferente dela. “A consciência e o mundo surgem simultaneamente: exterior por essência, o mundo é por essência relativo a ela”. A consciência em Husserl surge como “um fato irreduzível que nenhuma imagem física pode representar. Exceto, talvez, a imagem rápida e obscura do estouro”. A consciência é “clara”, “não há nada nela”, apenas movimento, “um deslizamento fora de si”. Não possui “interior”, é simplesmente o exterior dela própria, e é essa fuga absoluta e essa recusa a ser substância que a constituem como consciência” (Sartre, 1939, p. 129-131).

Conhecer é ‘estourar para’, arrancar-se da intima atividade gástrica para prosseguir, por aí a fora, para além de si, para o que se não é, por aí a fora, perto da árvore e toda via fora dela, pois escapa-se e repele-me e eu não posso perder-me nela mais do que ela diluir-se em mim: fora dela, fora de mim (Sartre, 1939, p. 129-131, tradução nossa)<sup>17</sup>.

A noção de “intencionalidade” da consciência ganha centralidade na obra sartreana, remetendo à sua origem em Franz Brentano: “toda a consciência é sempre consciência de alguma coisa”. A intencionalidade implica que a consciência, longe de se definir apenas pela reflexão ou por uma via psíquica, visa antes de tudo um polo exterior a ela, se dirige a algo que ela não é, num movimento de transcendência. “Esta necessidade que tem a consciência de existir como consciência de outra coisa diferente dela: chama Husserl ‘intencionalidade’” (Sartre, 1939, p. 129-131). A percepção, o imaginário e a emoção, possibilidades do sujeito como corpo/consciência se relacionar com o mundo, são consideradas, igualmente, intencionais, ou seja, são relações com os objetos

17 “Connaître, c'est ‘s'éclater vers’, s'arracher à la moite intimité gastrique pour ler, là-bas, par-delà soi, vers ce qui n'est pas soi, là-bas, près de l'arbre et cependant hors de lui, car il m'échappe et me repousse et je ne peux pas plus m.e perdre en lui qu'il ne se peut diluer en moi : hors de lui, hors de moi” (Sartre, 1939, p. 129).

que se encontram na realidade. O princípio da intencionalidade ganha universalidade no pensamento de Sartre. É no *L'Être et Néant* (1943), que ele desenvolve a prova ontológica da noção de consciência com intencionalidade: “a consciência é, por definição, dirigida (portée) sobre um ser que ela não é e que a ultrapassa...” (Noudelmann et Philippe, 2004, p. 251).

Assim, Sartre estabelece o ponto de partida para sua filosofia: a consciência, vazia de conteúdo, intencional, em relação com o mundo. A consciência revela o ser e, simultaneamente, o seu próprio ser de maneira irrefletida: ela é consciência “de” e consciência “si”. Ao ser consciência “de” algo, não posso ignorar de ter sido consciência “de”, isso que revela a consciência “si”, como a condição que nos permite inclusive a memória como um movimento de tomar a consciência “de” e “si” como objeto de uma consciência reflexiva. Essa compreensão da consciência como consciência “de” e consciência “si”, a distinção entre consciência e conhecimento permite a Sartre uma compreensão que rejeita o inconsciente da psicanálise:

Sartre retorna a distinção entre consciência e conhecimento para demarcar que sua psicanálise existencial rejeita certos postulados do inconsciente mantido pela psicanálise freudiana, pois ela considera o fato psíquico como coextensivo a consciência, mas ‘se o projeto fundamental é plenamente vivido pelo sujeito, e, como tal, totalmente consciente, isso não significa que ele deva ao mesmo tempo ser conhecido por ele, muito pelo contrário’. [...] ‘O sujeito é consciente de suas tendências profundas, ou melhor, essas tendências não se distinguem da sua própria consciência’ (Noudelmann et Philippe, 2004, p. 104, tradução nossa)<sup>18</sup>.

18 “Sartre revient à la distinction entre conscience et connaissance pour souligner que sa psychanalyse existentielle rejette certes le postulat de l' inconscient maintenu par la psychanalyse freudienne, car elle considère le fait psychique comme coextensif à la conscience, mais ‘si le projet fondamental est pleinement vécu par le sujet, et, comme tel, totalement conscient, cela ne signifie nullement qu'il doive être du même coup connu par lui, tout au contraire ...’ (658). Le sujet est conscient de ses tendances profon-

estar consciente é sinônimo da existência ou da experimentação vivida de uma relação com o mundo que possui uma dimensão concreta, sensível – aquele que percebe, que soa, que se emociona... – para a teoria sartreana da realidade humana. A reflexão é uma das possibilidades da consciência se relacionar com um objeto, e as outras formas da consciência se relacionar com o mundo são descritas por Sartre de maneira detalhada, sempre de forma relacional, rigorosamente individual, em que cada consciência é irreduzível a outra. A consciência é definida, dessa forma, como outra que o Eu, é impessoal, sem Eu, e a condição para seu o aparecimento (Noudelmann et Philippe, 2004, p. 104-105).

A noção de “consciência pré-reflexiva”, caracterizada pela “espontaneidade” do encontro da consciência e o mundo, vinha sendo perseguida por Sartre desde os seus estudos como *normalien*, em que almejava uma crítica mais contundente as filosofias da representação. A “intencionalidade” encontra-se em sua obra, como um instrumento para devolver a realidade inalienável ao mundo e a autonomia da consciência, considerando que essa última se volta para o que ela não é, ou seja, para um objeto na realidade. Para que a consciência possa “intencionar”, o Eu não pode habitá-la, nem formal e nem substancialmente. A consciência é descrita desprovida de Eu, ou melhor, o Eu é outro que a consciência, posterior, não lhe pertence, mas vai aparecer “para a consciência”. A noção de “consciência pré-reflexiva” faz aparecer um Eu do mundo, como ser-no-mundo, absorto, ativo (Sartre, 1994, p. 43-83).

Partindo desse pressuposto filosófico, Sartre observa que o conhecimento ou a “representação” é apenas uma das formas possíveis da consciência “de” esta árvore. É possível

des, mieux, ces tendances ne se distinguent pas de sa conscience elle-même” (Noudelmann et Philippe, 2004, p. 104)

também perceber, imaginar, amar, odiar, temer... e esse exceder-se da consciência por ela própria é também uma intencionalidade. Sartre encontra em Husserl, ainda que de forma crítica, a tese que vai acompanhá-lo até seus últimos momentos.

[...] flutuavam todos na malcheirosa salmoura do espírito, separam-se dele... (as emoções, experiências-de-ser com o objeto são relativas a ele... não estão dentro de nós... para nos informar que se revelam dos objetos como sua propriedade, inesgotável, irreduzível.) [...] ‘Husserl reinstalou o horror e o encanto nas coisas...’ [...] Libertos de Proust, ‘da vida interior’. A mulher que é encantável. ‘Tudo está fora, tudo, até nós próprios: fora, no mundo, entre os outros’ (Sartre, 1939, p. 129-131).

### 3.2 Apropriação crítica do pensamento husserliano por Sartre

Husserl, ao longo de sua extensa obra, fez o caminho de retorno ao idealismo, embora tenha buscado o tempo todo a sua superação. Ao colocar tudo entre parênteses, inclusive o Eu (transcendental) como fundamento de toda objetividade, chegou à ideia de subjetividade transcendental como garantia da validade ou não das coisas, da realidade objetiva. Com isso, ao colocar tudo em suspensão, até mesmo o que podemos verificar com os nossos sentidos ou com procedimentos de investigação alterou por definitivo a tese da existência do mundo na direção de colocá-la sempre em dúvida, possivelmente uma simples ficção (Depraz, 2007, p. 38).

A concepção husserliana (2012, §73, p. 216) de que “[...] o mundo que efetivamente é jamais ultrapassa a subjetividade que o produziu” é refutada por completo nos estudos de Sartre. A consciência e o mundo implicam uma relação, mas também a autonomia de ambos, como dois absolutos: um de subjetividade e

outro de objetividade. Outro aspecto que mereceu a crítica atenta de Sartre diz respeito às ressalvas de Husserl à experiência cotidiana, não reflexiva, imediata e considerada ingênua. Segundo os estudos de Sartre, o modo de ser da consciência é o pré-reflexivo, isso que lhe permite afirmar que ela é vazia de conteúdo e considerar apenas a ação humana voltada à realização no mundo, ao contrário dos subjetivistas que seguiram Husserl até as últimas consequências. Mais tarde, Sartre explicará a subjetividade como um momento entre uma objetividade e outra (Sartre, 2015, p. 60). A consciência pré-reflexiva, assim, encontra o mundo concreto, objeto das ciências, garantindo sua autonomia e liberdade nessa relação. A busca da legitimidade filosófica para a atitude cotidiana vai ao encontro do que encantou Sartre na conversa com Aron, no episódio do coquetel de Abricot:

Passamos uma noite juntos no Bec de Gaz, na Rua Montparnasse: pedimos a especialidade da casa: coquetéis de abricó. Aron apontou seu copo: ‘Estás vendo, meu camaradinho, se tu és fenomenólogo, podes falar deste coquetel, e é filosofia’. Sartre empalideceu de emoção, ou quase; era exatamente o que ambicionava há anos: falar das coisas tais como as tocava, e que fosse filosofia (Beauvoir, 1984, p. 138).

Sartre revisa a obra de Husserl no contexto do pensamento moderno, conectado a racionalidade metafísica, aos *dualismos* existentes, entre eles, a do “finito e do infinito”. Problema retomado por Husserl, em que constata que a aparição é finita e única, mas a série de aparições é infinita. O sujeito para o qual se revela a aparição está em mudança, pode, pois, multiplicar seus pontos de vista sobre ela, ao infinito. Assim como a aparição é sempre demarcada por perfis, jamais na sua totalidade. Dessa maneira, como podemos ter segurança no conhecimento? Para Husserl, o máximo que podemos chegar é a uma aproximação da ver-

dade e o que resta é o recurso à dúvida (cartesiana) ou “recurso ao infinito”.

Ao buscar chegar à “essência das coisas mesmas”, Husserl vai constatar que o objeto se dá por perfis ou aparições, e suas infinitas possibilidades. Assim, afirma não ser possível apreender o *ser*, isso que revela “a impraticabilidade da evidência apodítica”. Desdobra disso que, se não podemos conhecer o universo todo, não se pode conhecer a parte dele que temos acesso. É o que lhe faz recorrer à “imanência”, que “coloca o mundo transcendente entre parênteses”, retomando o idealismo ao conceber que a essência das coisas são as ideias que tenho dela. Husserl acabou por substituir as “rés infinita” cartesiana (deus) pelo “Eu transcendental”: fonte absoluta do conhecimento e caldeirão das essências. Assim, o *noema* (objeto), ao ser considerado um correlativo irreal da *noese* (essência), esta que acaba por tornar a *noese*, a verdadeira realidade. Com isso, a fórmula de Bergson “ser é ser percebido” é reproduzida ao reduzir o ser da realidade ao ato da percepção.

Para Sartre, a realidade objetiva também é infinita, mas isso não impede o estudo dos fenômenos objetivos, que são singulares e finitos, tampouco a compreensão e o conhecimento da realidade. Ao romper com os dualismos do “ser e do aparecer, do ato e da potência, da aparência e da essência e do finito e infinito”, ele resgata o princípio proposto por Husserl de “ir às coisas mesmas”. Mas, ao contrário de Husserl, não vai colocar os objetos transcendentais entre parênteses e considerar as “coisas mesmas” como as “essências puras” dentro da mente, mas sim como objetos transcendentais, ou seja, o próprio “fenômeno”. O primeiro passo da filosofia tem de ser, portanto, expulsar as coisas da consciência e restabelecer a verdadeira relação entre esta (consciência) e o mundo. Parte, então, das ocorrências, dos fenômenos enquanto “ser da realidade”

para estudá-los e descrevê-los como eles são, posto que o fenômeno, como Husserl já havia constatado, é um absoluto e indica a si próprio. Para o autor, “o que o fenômeno é, o é absolutamente, pois acontece como é. O fenômeno pode ser estudado e descrito tal como é, pois é absolutamente indicativo de si mesmo”. Ao mesmo tempo, o fenômeno é relativo, pois o “aparecer” implica aparecer para *alguém*, ou mesmo, para uma consciência. Dessa forma, o fenômeno constitui-se num “relativo-absoluto” (Sartre, 2005, p. 15-16).

Segundo Sartre (1997, p. 21), as coisas são o que são e não precisam de um “ser” como que oculto por detrás delas para manobrá-las. Elas são em ato, aparecem e podem ser percebidas e constatadas pelo homem. Da mesma forma, a sua essência não é nenhuma coisa oculta, mas algo constatável no objeto, ou seja, a razão da série de aparições do fenômeno. A essência vai estar presente na existência, ou seja, em cada fenômeno da sua série. Assim, a aparência não mais esconde a essência, ela a revela: é a essência. A relação entre “fenômeno de ser e ser do fenômeno” evidencia a confusão produzida no pensamento moderno sobrepondo a epistemologia (conhecimento) a ontologia (ser).

A metafísica inverteu a lógica e tentou resolver o problema do ser da realidade (ontologia) com o problema do conhecimento (epistemologia). Transformou ontologia em metafísica ao procurar um motor imóvel (Aristóteles), um Deus onisciente (Descartes), ou Eu transcendental (Husserl). O que Sartre vai recuperar é a dialética conforme Heráclito de Éfeso, ao constatar o movimento pela observação da natureza, atento também a inversão hegeliana proposta por Marx ao erigir a sua dialética. Em *O ser e o nada* (1943), Sartre esclarece a necessidade de distinguir o epistemológico e o ontológico, ao mesmo tempo que apresenta sua ontologia fenomenológica estabelecendo as condições

de possibilidade para o desenvolvimento das ciências humanas.

## 4 Considerações finais

Husserl se propôs a transformar a “Filosofia numa ciência rigorosa e absoluta”, com o objetivo de resolver o problema dos racionalistas/idealistas, que acabavam diluindo o objeto no sujeito, e dos empiristas/materialistas, que diluíam o sujeito no objeto. Iniciou o seu trabalho, no entanto, a partir de pressupostos equivocados, pois não é possível construir “verdades absolutas e científicas”. As verdades metafísicas é que são absolutas, não as verdades científicas, pois estas se garantem no objeto e são relativas a ele. Propondo-se “partir das coisas mesmas”, começou por colocar a “realidade entre parênteses”. As “coisas mesmas”, segundo ele, são as essências da realidade que estão dentro da “mente”, estão na nossa “cabeça” e não no mundo objetivo. Husserl adota um pressuposto metafísico que é a “mente, a estrutura mental” da qual apenas podemos crer e que não pode ser comprovada. Dessa forma, o mundo é que vai acontecer dentro da mente e só vai importar os significados pessoais que temos dele. Com isso, em cada pessoa teremos uma realidade específica, assim existirão tantas realidades quanto pessoas existentes no mundo.

Ao contrário do que Husserl estabeleceu em sua teoria, Sartre propõe uma epistemologia que considere o mundo real, comum a todas as pessoas, acessível e concreto, que está aí.

O homem e o mundo constituem uma unidade dialética e diaspórica: o homem não se dissolve no mundo nem o mundo se dissolve no homem, sendo ambos irreduzíveis. Entretanto, não há homem nem mundo num mundo sem homem. O mundo é um espetáculo (organização) que não se constitui sem o homem e o homem é um espectador situado e situado neste espetáculo:

de tal forma que aquilo que afeta um, afeta ao outro (Bertolino, 1996, p. 17).

O pensamento husserliano desaguou na impossibilidade de podermos compreender e intervir no mundo com a constatação de que o mundo é mundo e o homem é homem, mesmo porque, em Husserl, o mundo pode ser sempre outra coisa do que os nossos sentidos podem constatar. Ao fim das contas é aonde ele quer chegar com suas “reduções”, ou seja, o homem jamais poderá conhecer verdadeiramente, isto é um ideal. O que ele efetivamente fez foi tentar colocar novamente as verdades científicas sob o jugo da moral, ao pôr a filosofia como responsável por definir o que vale ou não em ciência. Conforme Kant e Husserl, é ela que deveria assumir o papel de “legislar” a esse respeito.

A filosofia francesa acabou por fazer uma apropriação mais literal da obra husserliana, reduzindo a ontologia à epistemologia. Sartre buscou mostrar, em *O ser e o nada*, a necessidade de não se reduzir a consciência ao conhecimento, e de se estabelecer previamente uma ontologia (Estudo/ciência do ser, de suas propriedades gerais ou sua natureza e forma de existir... conceitos como existência). Procurou manter, na continuidade, a coerência com sua teoria do “Ego como transcendente”, inspirada naquilo que identificou como essencial na obra de Husserl, o conceito de “intencionalidade da consciência”. É com esse aspecto da realidade constatado e demarcado na filosofia husserliana que Sartre realizou sua longa jornada construindo o método progressivo-regressivo (Sartre, 1960) nos estudos (auto) biográficos para compreender a existência, o homem e a mulher lá onde eles se encontram, no mundo, como ele próprio escreveu: “Não é em nenhum refúgio que nos descobriremos: é na rua, na cidade, no meio da multidão, coisa entre coisas, homem entre homens” (Sartre, 1939, p. 131).

## Referências

BEAUVOIR, Simone de. **A força da idade**. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BERTOLINO, Pedro. (org.). A Personalidade. **Cadernos de formação**. Florianópolis: Nuca Edições Independentes, 1996.

CONTAT, Michel e RIBALKA, Michel. **Les Écrits de Sartre**: Chronologie, Bibliographie commentée. Paris: Gallimard, 1970.

DEPRAZ, Natalie. **Compreender Husserl**. Tradução Fábio dos Santos. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

FRAGATA, Julio. **A Fenomenologia de Husserl** - como fundamento da filosofia. Braga: Livraria Cruz, 1959.

FUJIWARA, Gustavo. Sartre fenomenólogo: a radicalização da intencionalidade na Transcendence de L'Ego. **Sapere Aude**, Belo Horizonte, PUC/MG, volume 5, número 10, p. 84-100, 2o sem. 2014. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/7260/pdf>. Acesso: 10 abr. 2022.

HUSSERL, Edmund. **A Filosofia como ciência de rigor**, Coimbra: Atlântida, 1965.

HUSSERL, Edmund. **Meditações cartesianas**. Porto: Rés.

HUSSERL, Edmund. **A idéia da Fenomenologia**. Tradução Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1986.

HUSSERL, Edmund. **Conferências de Paris**. Lisboa: Edições 70, 1992.

HUSSERL, Edmund. **Investigações lógicas**: 6ª. Investigação. Trad. Zeljko Loparic e Andréa M. A. C. Loparic. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

HUSSERL, Edmund. **A crise das ciências européias e a Fenomenologia transcendental**: uma introdução

à filosofia fenomenológica. Tradução Diogo Falcão Ferrer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

NOUDELMAAN, François et Philippe, Giles. (Dir.) **Dictionnaire Sartre**. Paris: Honoré Champion, 2004.

RODRIGUES, Adriano Carvalho Tupinambá. Karl Jaspers e a abordagem fenomenológica em psicopatologia. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, v. VIII, n. 4, p. 754-768, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/xwYw4QxWhhxHSDQjyhMyQB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso: 10 abr. 2022.

SARTRE, Jean-Paul. Une idée fondamentale de la phénoménologie de husserl: l'intentionnalité. **La Nouvelle Revue Française**, n. 304, p.129-131 janvier 1939, [N.T].

SARTRE, Jean-Paul. **Critique de la Raison Dialectique** (précédé de Question de Méthode). Paris: Gallimard, 1960.

SARTRE, Jean-Paul. **A transcendência do Ego**. Tradução Pedro Alves. Lisboa: Edições Colibri, 1994.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser o nada**. Tradução Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 1997.

SARTRE, Jean-Paul. **Situações I**. Tradução Cristina Prado. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

SARTRE, Jean-Paul. **O que é a Subjetividade?** Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

WORMS, Frédéric. **La philosophie em France au XX<sup>e</sup> siècle**. Moments. Paris: Gallimard, 2009.

Submetido em abril de 2023

Recebido em: 04/04/2023

Revisado em: 25/11/2023

Aprovado em: 23/12/2023

Publicado em: 27/12/2023

**Fábio Pinto** é doutor em Ciências da Educação, pela Universidade Paris 8 – Saint Denis. Pós-doutorado em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPeL). Professor da UFPeL. Membro do grupo de Estudos Biográficos Sartreano/Núcleo de Estudos e Pesquisa Educação e Sociedade Contemporânea. E-mail: [fabiobage@yahoo.com.br](mailto:fabiobage@yahoo.com.br)

**Lara Fuck** é mestre e doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Psicóloga e psicoterapeuta do consultório Relações. Integrante do Núcleo Castor – estudos e atividades em existencialismo (NUCA) e do Gru-



po de Estudos Biográficos Sartreano/Núcleo de Estudos e Pesquisa Educação e Sociedade Contemporânea. Professora do Complexo de Ensino Superior de Santa Catarina (Cesusc). *E-mail:* [larabeatrizf@gmail.com](mailto:larabeatrizf@gmail.com)

**Ana Cláudia Wendt Santos** é doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-doutorado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Psicóloga e psicoterapeuta do consultório Superações. Integrante do Núcleo Castor – estudos e atividades em existencialismo (NUCA) e do Grupo de Estudos Biográficos. Sartreano/Núcleo de Estudos e Pesquisa Educação e Sociedade Contemporânea. *E-mail:* [aclws@hotmail.com](mailto:aclws@hotmail.com)